

Pizzini filma cultura em transformação

No longa-metragem '500 Almas', previsto para abril, os índios guatós são o foco

JANAINA ROCHA

O documentário *Vozes de Othon* é um dos projetos do cineasta Joel Pizzini. Com lançamento previsto para abril, *500 Almas* marca a estréia do diretor no longa-metragem.

Pizzini filma uma cultura em transformação. É um documentário "etno-poético" sobre os índios guatós, que apesar de terem sido dados como extintos por Darcy Ribeiro, residem nas periferias das cidades de Corumbá, Poconé e Cáceres. "Não acho que eu esteja fazendo um filme de constatação da morte de uma cultura, não estou apenas a catalogando", afirma. "O filme tem respeito com a peculiaridade dessa cultura, mas a partir de todas as pesquisas feitas, eu faço uma leitura poética", explica. "Além de mostrar a própria herança se manifestando, procuro retratar o momento em que a cultura deles tem de relacionar-se com algo estranho, como um outro tipo de organização, a ciência, a educação, a religião, a justiça: os momentos nos quais eles têm certa dificuldade e precisam dominar o outro código."

Segundo Pizzini, será por meio da cultura guató que *500 Almas* vai dialogar sobre a ausência e presença da memória. "É interessante avaliar como funciona o percurso da memória, como uma cultura na época da globalização preserva sua diferença e como ela se integra", diz. "No caso dos guatós,

percebi que estava falando sobre a condição humana e é importante examinar essa cultura milenar diante de vários pontos de vista, como o olhar europeu, o olhar arqueológico e estético."

Descobertas – O filme é imbuído de uma sucessão de descobertas, como o fato de a cultura guató ter sido registrada por um alemão, o pesquisador Max Schmidt, na década de 30. A pesquisa está arquivada no museu em Dahlem. "Há cerca de 300 peças, que nem os guatós conhecem", conta. Pizzini teve contato com esse material no início do ano. "Quero mostrar o que motivou esse olhar europeu, o interesse antropológico, mas não apenas com depoimentos", adianta. "Tentarei recriar também um pouco da atmosfera alemã, na qual havia um interesse pelo estudo das culturas mais exóticas."

Pizzini planeja filmar no Recife, onde vive a linguista Adair Palácio, que produziu um dicionário inédito sobre a língua guató. "Ela é uma professora aposentada no Recife, local muito distante de onde vivem os índios", diz. "É um dos sinais claros da nossa impotência, de como no Brasil é difícil efetivar o intercâmbio de informações." Segundo o diretor, no máximo 20 pessoas falam a língua nativa. Só os mais velhos.

As fitas gravadas por Adair devem entrar como componente sonoro na trilha de *500 Almas*, com-

posta por Livio Tragtenberg. "De certa maneira será uma forma de traduzir o esforço dela", afirma. Tragtenberg compôs a *Suite 500 Almas* baseada na *Música Aquilônica* de Haendel. A peça foi antecipada para o público num concerto realizado no início do mês, no Sesc Belenzinho. A obra foi executada pela Sinfonia Cultura, sob a regência do maestro Lutero Rodrigues – todos participaram das gravações para trilha. Mesmo inspirada na peça de Haendel, é o discurso musical de Tragtenberg que prevalece, como disse Rodrigues na ocasião ao Estado.

"Ainda há uma visão cristalizada de que a música é para criar clima ou sublinhar uma situação", observa o maestro. "A música não é uma linguagem subordinada, não há hierarquia de procedimentos; eu e Livio trabalhamos paralelamente." Pizzini conta ainda que língua guató será tratada como um elemento musical. "Já na captação de som nas filmagens no Pantanal, colhemos algumas repetições de palavras para ressaltar essa intenção", diz.

Paradoxos – Quinhentas almas corresponde ao número da população indígena de hoje. No entanto, como eles estão passando por um processo de transformação, o número também começa a mudar. "Por estarem se multiplicando, isso começa a acarretar um prejuízo cultural", analisa. "Essa

TRILHA FOI COMPOSTA POR LIVIO TRAGTENBERG

Sergio Castro/AE

miscigenação veloz faz com que eles tenham um aculturação desenfreada, que acaba revertendo num impacto negativo, não é uma integração tranquila, pois põe em risco a própria terra." Pizzini adverte que esse pensamento é arriscado, pois "não se pode tratar o assunto de forma purista, racista" e teve cuidado em citá-lo.

Os índios guatós conquistaram um território, chamado Ilha In-sua, no qual têm quem construir uma escola para ensinar a tradição. "Eles estão fazendo um esforço para recuperar a ilha, mas é complicado retornar a esse espaço mítico, já que hoje estão se estruturando nas cidades e construindo a base familiar ali", conta. "É um grande dilema, pois tentam transmitir o conhecimento na escola da ilha, mas vivem nas periferias."

Além disso, quando ainda viviam no Pantanal, não constituíam aldeamento fixo, em função da geografia pantaneira. Outro paradoxo. "Eles são meio anarquistas", conta. Viviam dispersos e não tinham a figura do cacique, que hoje precisam ter." Pizzini também fará por meio da relação dos guatós com a água uma leitura poética. "Toda a mitologia deles é baseada nisso", conta. "E hoje, paradoxalmente, sofrem com a ausência da água, pois ela é escassa na periferia."

O filme está em finalização e é uma realização da produtora Grifa Cinematográfica, com recursos da Lei do Audiovisual. O cineasta lança no dia 28o documentário *Tempo de Rondon*, sobre o Marechal Rondon, que também desbravou o Pantanal, no Festival do Filme Etnográfico, no Rio.



Pizzini (à esq.) e Tragtenberg usam a língua guató como elemento sonoro na trilha

Divulgação



O índio guató José segura o instrumento de caça milenar zagaia, uma tradição mantida